

O esquecimento de Airton Barbosa como reflexo dos processos de epistemicídio: o negro, a música popular e o racismo estrutural

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO EM SIMPÓSIO

SIMPÓSIO: Música e pensamento afrodiaspórico

Emanuela Helena Rodrigues Goularte dos Santos
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA-USP
emanuelahelena@usp.br

Fábio Cury
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA-USP
fabiocury@usp.br

Resumo. Procurando respostas para compreender o esquecimento do fagotista Airton Barbosa, levantamos sua biografia questionando aspectos socioculturais. Pretende-se colaborar com a História da Música Brasileira e com a História do Fagote no Brasil abordando questões raciais e políticas, que foram determinantes para o processo de esquecimento deste artista. Nossa perspectiva a respeito das questões raciais se baseia principalmente nos trabalhos de Sueli Carneiro e Silvio de Almeida. A vida de Barbosa também foi atravessada por preconceitos relacionados ao regionalismo e por conta de sua participação no cenário da música popular. Sua obra e sua memória foram negligenciadas e esquecidas através dos processos de epistemicídio.

Palavras-chave. Airton Barbosa, Fagote, Música brasileira, Música popular, Epistemicídio

Airton Barbosa's Forgetfulness as a Reflection of Epistemicide Processes: Black People, Popular Music and Structural Racism

Abstract. Looking for answers to understand the forgetfulness of the bassoonist Airton Barbosa, we researched his biography questioning sociocultural aspects. It is intended to collaborate with the History of Brazilian Music and the History of the Bassoon in Brazil, addressing racial and political issues, which were decisive for the process of forgetting this artist. Our perspective on racial issues is based mainly on the work of Sueli Carneiro and Silvio de Almeida. Barbosa's life was also crossed by prejudices related to regionalism and due to his participation in the popular music scene. His work and his memory were neglected and forgotten through the processes of epistemicide.

Keywords. Airton Barbosa, Bassoon, Brazilian Music, Popular Music, Epistemicide

O esquecimento de Airton Barbosa como reflexo dos processos de epistemicídio: o negro, a música popular e o racismo estrutural

Percebemos que diversos fatores contribuem para o apagamento da história de vida e difusão do trabalho musical de Airton Barbosa. Apesar do imenso valor de seu trabalho como

artista e ativista, seu nome não costuma figurar entre as referências do fagote brasileiro. Algumas pessoas conseguem reconhecer o som do fagote na icônica canção de Candeia, gravada por Cartola, *Preciso me encontrar*, porém são raras as pessoas, até mesmo entre os fagotistas, que sabem nomear o músico que trabalhou naquela gravação. “Esse esquecimento faz parte deste país.” (BARBOSA apud BANDEIRA, 2016, s/p). Para compreender tal fenômeno, nos deparamos com diversos fatores do racismo estrutural. Para estabelecer paralelos e tangências entre o racismo e o esquecimento de Airton Barbosa, vamos apresentar partes de sua biografia e relatos colhidos em entrevistas.

Airton Barbosa é negro e nordestino. Nasceu em Alto Dionísio, Bom Jardim, Pernambuco, em 1942. Filho do poeta Manuel Alexandre Barbosa, conhecido como ‘Seu Manoel da Semana’ e de Quitéria Nogueira, foi criado por Dona Chiquinha de Elói, Francisca Nogueira, sua tia-avó. Dona Chiquinha é descrita em nossas entrevistas como uma mulher excepcional, com grande força espiritual e importantes relações na cidade e, foi através dela e de sua influência, aproveitando boas oportunidades, que Airton teve uma educação primorosa. Ainda criança, já se destacava por sua inteligência sagaz e múltiplos talentos e sua mãe adotiva fez tanto quanto pode, sem medir esforços, para que ele pudesse ter acesso à educação e tivesse suas habilidades e interesses incentivados, para que pudesse prosperar.

Se o que está em jogo é assegurar privilégios e uma estrutura social hierarquizada segundo parâmetros raciais e de classe, será o controle do acesso à educação um mecanismo insubstituível, posto que “a educação emerge como uma dimensão central dessa investigação, na medida em que a educação participa do conjunto mínimo de oportunidades sociais básicas que contribuem para assegurar equidade e justiça social.” [...] estamos diante de um elemento estratégico, a educação, fundamental dentro da arquitetura do dispositivo de racialidade. (CARNEIRO, 2005, p. 112)

Adolescente, e já um exímio datilógrafo, trabalhou no Fórum de Bom Jardim e, apesar da imaturidade própria da idade, se encantava com a defesa dos mais humildes realizada pelo advogado Francisco Julião. Iniciou seus estudos de música, aos 13 anos, tendo como seu primeiro professor o Mestre da Banda do Grêmio Lítero-Musical Bonjardinense, Manoel Pessoa dos Santos, o Mestre Teté. Aos 15 anos, passou a integrar a Banda de música da cidade e, em pouco tempo, já se destacava como um dos seus principais músicos, tocando, compondo e fazendo arranjos. As suas primeiras influências musicais são do tempo em que a Banda era o grande destaque na cidade, com as suas retretas e presença obrigatória em todos os eventos no município. Através das Bandas de Música, Bom Jardim viu nascer talentos que a engrandecem

e reafirmam o seu codinome de “A Terra da Música”. Nessa época, “ser da Banda” era um privilégio apenas para os rapazes e era a grande aspiração da juventude bonjardinense. Terceiro dos 16 filhos de Seu Manoel e Dona Quitéria, foi o primeiro da família a tornar-se músico (Fotografia 1) e iniciou a tradição musical na família, que hoje está na terceira geração.

Fotografia 1 – Airton Barbosa na adolescência e seu saxofone



Fonte: Acervo Juliano Barbosa

Em 1959, com 17 anos, Airton Barbosa foi escolhido para executar no sax o solo de *Vassourinhas* no Concurso de Bandas do interior e a banda de Bom Jardim foi premiada como a melhor da região e tocou no programa “Salve a Retreta” da Rádio Jornal do Comércio de Pernambuco. Sua atuação como saxofonista na Banda sensibilizou algumas pessoas que o incentivaram e ajudaram a participar do Concurso “Jovens Talentos Musicais”. Promovido pelo Ministro Clóvis Salgado, da pasta de Educação e Cultura do governo Juscelino Kubitschek, o concurso tinha por objetivo promover o aperfeiçoamento de jovens músicos advindos de todo o Brasil, para formar instrumentistas de arco e sopro, para o preenchimento de vagas em orquestras sinfônicas do Sul do País.

Vencedor do concurso nacional “Jovens Talentos”, mal conhecia a capital pernambucana, foi morar no Rio de Janeiro, mudando de cidade e de instrumento. Estudando com uma bolsa do Governo Federal, escolhe o fagote como instrumento (Fotografia 2) e Noel Devos como mestre. Em 1961, é aprovado para o programa “Jovens Recitalistas” da Rádio MEC e, classificado no programa “Eles vão longe” da TV-Rio como o “Melhor Instrumentista

do Ano”. Em 1962, é aprovado no concurso “Jovens Solistas da OSB” interpretando Vivaldi sob a regência de Eleazar de Carvalho.

Fotografia 2 – Airton Barbosa se torna um fagotista



Fonte: Acervo Juliano Barbosa

Ainda em 1962, com a suspensão da bolsa de estudos do MEC, passa a se dedicar à música de câmara e funda o Quinteto Villa-Lobos, que nascia com a finalidade de divulgar a música de Villa-Lobos e de compositores brasileiros. O Quinteto Villa-Lobos - QVL, foi formado por cinco estudantes de música empenhados em realizar um excelente e diferenciado trabalho na capital carioca. O QVL era um quinteto de sopros diferente, formado por jovens, e, ainda que interpretasse um repertório europeu, favorecia peças brasileiras e folclóricas.

Com sua atuação, o QVL incentivou compositores nacionais e tinha uma performance com características populares (Fotografia 3), pois atendia um público mais amplo que o costumeiro público do Theatro Municipal, por exemplo. Na época, o mais jovem grupo de câmara do Brasil, participou, em 1964, da “Caravana da Cultura” organizada por Pascoal Carlos Magno, percorrendo o nordeste. E neste mesmo ano, viajou em turnê pela América do Sul com o Itamaraty.

Fotografia 3 – O Quinteto Villa-Lobos



Fonte: Acervo Juliano Barbosa

A partir de 1965, como um dos primeiros conjuntos instrumentais brasileiros a mesclar a linguagem da música erudita com a música popular, o QVL, sob a liderança de Airton Barbosa, passa a atuar mais fortemente na área da música popular, apresentando-se ao lado de nomes da MPB como Edu Lobo, Nara Leão, Elis Regina, Roberto Carlos, Silvinha Telles, Baden Powell, Vinicius de Moraes, Paulinho da Viola, Paulo Moura, dentre outros. Com o QVL, Airton Barbosa, deixou oito discos gravados, alternando um repertório de música erudita e de música popular brasileira, sendo um dos primeiros grupos de câmara brasileiro a gravar Choro. Paralelamente às atividades como instrumentista, Airton Barbosa também foi autor de trilhas sonoras para filmes e produtor musical de discos e eventos.

Como músico de orquestra, em 1965, passa a integrar, por concurso, o naipe de fagotes da Orquestra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro - lugar onde permaneceu até o seu falecimento - e, posteriormente, a Orquestra Sinfônica Nacional da Rádio MEC. O trabalho que Barbosa desenvolvia na música se expressa no relato de Aloysio Fagerlande, atual fagotista do QVL. Quando questionado sobre o que admirava em relação à atuação de Barbosa, Fagerlande nos deu como exemplo o fato de que quando o QVL fez muitos shows na Boate Zum Zum, cada integrante comprou casa, carro ou bens, enquanto Airton Barbosa investiu o seu dinheiro na publicação de um jornal sobre Arte, contando com parcerias e colaborações de diversos artistas.

Como jornalista e pesquisador da música e do folclore brasileiro, teve diversos artigos publicados em importantes veículos da imprensa brasileira e de Portugal como: *Cadernos Brasileiros*, *Revista Civilização Brasileira*, *O Tempo e o Modo*, de Portugal, *Revista Leitura e O Pasquim*. Em 1965 fundou o *Jornal Arrastão*. Em 1967, escrevia crítica musical para *O Sol*. Em 1968, foi repórter e redator do *Jornal Poder Jovem*. Em 1969 realizou uma série de cursos para o departamento de Cultura do Rio de Janeiro: “Villa-Lobos, Choros e Bachianas”, “A Música de Câmara Brasileira” e “Música Popular Brasileira”. Em 1970 criou a *Revista da Ordem dos Músicos do Brasil* e em 1974, a *Revista do Músico*.

No cinema, foi autor e arranjador, regente e diretor musical das trilhas sonoras de 9 filmes e também trabalhou como redator, apresentador e produtor de programas de rádio e também de espetáculos musicais, além de atuar como vice-presidente da Sociedade Brasileira de Música Contemporânea, colaborar com o Sindicato dos Músicos do Rio de Janeiro e fundar a COOMUSA - Cooperativa dos Músicos Profissionais do Rio de Janeiro. Em 1977 fundou a Kuarup Discos e depois a Alibi Produções. Airton era profundo conhecedor da música brasileira, popular e de concerto e respeitado entre seus pares. Em todas as suas áreas de atuação divulgava e trabalhava para a música brasileira. Em 1980, deixou, ao falecer prematuramente, aos 37 anos, no Rio de Janeiro, uma profunda marca em todos que conviveram com ele diretamente e indiretamente. Além do importante trabalho de formação de público, em especial jovens e crianças através de Concertos Didáticos, realizados pelo QVL, em que atuou ininterruptamente por 18 anos como principal liderança.

De acordo com os relatos colhidos, de pessoas que se relacionaram com Airton de forma positivamente afetiva - filho, esposa, colegas, amigos, e afins - não nos deparamos com nenhum apontamento relatando, conscientemente, a questão do racismo como um obstáculo na vida do músico. Entretanto, encontramos a informação, no relato de Valdinha Barbosa, de que, no Rio de Janeiro, Airton percebia-se sendo discriminado pelo seu sotaque nordestino. Isso nos chama atenção para refletir sobre essa outra camada do racismo definida não pela cor da pele mas pela regionalidade. Assim, precisamos trazer aqui algumas reflexões sobre estes fatores, pois o fato de Airton ser negro e nordestino são condições implícitas. E, seu esquecimento é um fato, mesmo ele tendo realizado tantas coisas relevantes e importantes em seu pouco tempo de vida.

Lembremos que os debates e conceitualizações sobre racismo são recentes. Na época em que Airton viveu, diversos conceitos que são abordados atualmente eram vividos por todos,

mas não havia a devida reflexão e os necessários questionamentos em torno desses temas da forma como temos hoje. Assim, falar sobre sua negritude e nordestinidade é atualizar o viés interpretativo que permeia o esquecimento e a não valorização do trabalho de Airton. Mostra-se necessário abordarmos alguns tópicos sobre racismo para indicar pontos relevantes sobre Airton Barbosa em que identificamos questões raciais. Apresentamos uma conceitualização atual do assunto, a fim de trazer à tona as maneiras pelas quais o racismo estrutural operou na vida e ainda opera sob a memória do artista.

Perceber essas nuances [do racismo estrutural] é algo complexo e dinâmico, para quem refletiu pouco ou nada sobre esse tema pode ser ainda mais desafiador. O processo envolve uma revisão crítica profunda de nossa percepção de si e do mundo. Implica em perceber que mesmo quem busca ativamente a consciência racial já compactuou com violências contra grupos oprimidos. (RIBEIRO, 2019, p. 5)

A partir de um questionamento principal, que visa compreender e questionar o esquecimento de Airton Barbosa, diversos outros questionamentos surgem. Por que uma figura como Airton Barbosa geralmente não é citada nos primeiros anos de ensino do fagote no Brasil? Por que nos lembramos, de quem e do quê nos lembramos quando estamos aprendendo música ou desenvolvendo um trabalho artístico? Neste sentido, podemos questionar quantas referências de artistas negros temos e quantas lembramos e usamos? Por que ainda vivemos, especialmente entre os fagotistas, num espectro tendencioso de valorizar - culturalmente e, inclusive, financeiramente - mais o erudito, com seu sentido de colonização ocidental, do que o popular, que traz sua carga de cultura nacional e regional, no que diz respeito ao repertório para fagote? Porque não temos destacado com louvor, ao longo do processo pedagógico de escolas de fagote no Brasil, a vida, as referências estéticas e a obra de Airton? Por que não nos baseamos nos exemplos de como trabalhar melhor as oportunidades do mercado de trabalho para os fagotistas? Por que pouco se sabe sobre os feitos políticos de Airton Barbosa? Existe algo que possamos chamar de escola de fagote brasileira ou de fagote popular? São muitas e interessantes as questões, porém neste momento iremos responder a primeira. E, é claro que são múltiplos os fatores que determinam o esquecimento de Airton Barbosa como artista e também o fato dele não ser citado como referência de estudo de base para os fagotistas em todo o Brasil. E, além de serem múltiplos, alguns parecem invisíveis, tamanha a potência dos mecanismos que promovem os processos de epistemicídio.

[...] o racismo [...] é definido por seu caráter sistêmico. Não se trata, portanto, de apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas de um processo em que condições de subalternidade e privilégio que se distribuem entre grupos raciais e se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas. (ALMEIDA, 2019, p. 27)

Por isso, o fato de Airton ser negro é, e sempre foi, um aspecto a ser percebido em relação a sua vida, seu trabalho e essa seleção de memória. Do contrário, se a cultura negra, ao invés da branca, fosse celebrada como nossa cultura dominante, Airton muito provavelmente seria reconhecido em larga escala, ou ao menos entre os fagotistas, como um ícone, que ele de fato foi, e uma das principais e mais ativas, criativas e brilhantes figuras do fagote brasileiro. Perdendo-se essa referência, continuamos sem desenvolver novas possibilidades de linguagem e interpretações. Consideramos que questionar seu apagamento e divulgar seu trabalho e biografia é, ao mesmo tempo, perceber os reflexos do racismo na nossa História e apontar para possibilidades de revisitar e reescrever essa História pois

Por ser processo estrutural, o racismo é também processo histórico. Desse modo, não se pode compreender o racismo apenas como derivação automática dos sistemas econômico e político. [...] também podemos dizer que o racismo manifesta-se de forma circunstancial e específica; e em conexão com as transformações sociais. (ALMEIDA, 2019, p. 42)

E é por tal razão que não poderíamos deixar de falar sobre a negritude e destacar a figura de Airton Barbosa como um homem negro na tentativa de contribuir para que tenhamos uma sociedade cada vez menos racista. Porque o

colonialismo e o racismo se constituíram num aparato global de destruição de corpos, mentes e espíritos que ainda está em funcionamento. Um aparato de vinculação e subordinação da sobrevivência cognitiva do dominado aos parâmetros da epistemologia ocidental (CARNEIRO, 2005, pp. 101-102).

E isso nos dá uma noção da complexidade de mecanismos de produção e reprodução intelectual, artística, material, imaterial e cultural que é necessária para desmontar esse aparato global e todas as técnicas, tecnologias, ideologias, referências culturais e tantos outros mecanismos de biopoder que sustentam o racismo e o colonialismo.

É curioso observar que uma das formas de sobrevivência do corpo negro é se adaptar à branquitude e contribuir para o seu próprio apagamento em vida, o apagamento muitas vezes inconsciente da própria negritude, numa tentativa de se adaptar e se inserir nos grupos em que

precisa frequentar para trabalhar, obter alimento, utensílios, bens etc. Isso, de certa maneira, justifica o fato de que os depoentes não mencionam tantas situações de racismo relacionadas à vida de Airton Barbosa, como se o fato de ele ser negro não fizesse diferença. O negro no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, está na maior parte ou em grande parte do tempo entre os brancos e, também no Brasil como um todo e no mundo sociogeopoliticamente, nadando num oceano de cultura branca com seus sistemas hierárquicos e tantas outras coisas que estão sendo mencionadas aqui e que se aplicam a todas essas esferas. No caso do Rio de Janeiro, onde Airton desenvolveu a maior parte do seu trabalho, temos dois pontos para observar: uma população negra grande e excluída e a herança das práticas da antiga capital do império. No parágrafo a seguir, Mills explica como funciona o “Contrato Racial” no qual brancos operam e, nesta leitura, podemos projetar, relativizando a função do negro civilizado e incorporado às normais sociais vigentes - da cultura ocidental -, um “Contrato Racial” que negros muitas vezes “assinam” sem nem sequer necessariamente ter consciência do que estão escolhendo e incorporando para suas vivências, práticas, discursos e percursos para conseguirem se integrar e sobreviver.

Portanto, na verdade, nas questões relativas à raça, o Contrato Racial prescreve para seus signatários uma epistemologia invertida, uma epistemologia da ignorância, uma tendência particular de disfunções cognitivas localizadas e globais (que são psicológica e socialmente funcionais) [...] Poderíamos dizer, portanto, como regra geral, que a interpretação errada, a representação errada, a evasão e o auto-engano nas questões relativas à raça estão entre os mais generalizados fenômenos mentais dos últimos séculos, uma economia cognitiva e moral psiquicamente necessária para a conquista, civilização e escravização. E esses fenômenos não têm nada de accidental: são prescritos pelos termos do Contrato Racial, que requer uma certa medida de cegueira e obtusidade estruturadas a fim de estabelecer e manter a sociedade organizada branca. (MILLS apud CARNEIRO, 2005, p. 101)

Se formos falar sobre a distribuição de oportunidades, veremos que a vida de Airton Barbosa pode ser considerada como a vida de um negro com boa formação e acesso a oportunidades. Isso porque lhe foi possibilitado, desde cedo e ao longo da vida, frequentar espaços que o levaram a chegar a uma posição de destaque. Não podemos deixar de lhe atribuir imenso valor não somente por aproveitar as oportunidades, criar espaços e outras oportunidades e, mesmo reconhecendo, através dos relatos colhidos, que ele era dotado de talento inato, merecem destaque os registros de que ele conseguiu, com perseverança, buscar e produzir condições para que sua carreira fosse como foi. Ou seja, estudou, trabalhou, ensaiou, pesquisou,

se desenvolveu, investiu energia para a música em si e para a comunidade dos músicos. Enfim, é notável em todos os relatos, a sua dedicação e esforço.

Airton também foi um militante, um ativista. Não exatamente um militante na causa dos negros mas um militante de classe, defendendo e apoiando os músicos com sua participação em instituições de defesa dos direitos e articulações desse nicho da classe trabalhadora. Ocupar espaços como o Theatro Municipal e as colunas de jornais, sendo um homem negro nas décadas de 1960-80 e participar do sindicato dos músicos e da COOMUSA faz de Airton Barbosa um efetivo combatente do racismo na prática, mesmo que não intencionalmente, se inserindo em lugares de maioria branca. Nesse aspecto, é preciso pensar que

[...] a busca ou a conquista de um endosso que vem de fora da comunidade à qual supostamente se pretende pertencer e ser reconhecido não altera ou supera as impossibilidades que essa estratégia reflete para superar a impermeabilidade, os muros que impedem a inclusão efetiva de negros nesse universo [da branquitude]. A sobrevivência intelectual em outras esferas da vida social, se assegura a resistência do intelectual negro, não assegura a superação dos fatores que promovem a sua debilitação no interior das instituições acadêmicas. (CARNEIRO, 2005, pp. 121-122)

Além de todo o exposto, temos ainda um evento impactante e deveras relevante na vida de Airton: seu desaparecimento promovido pelas mãos do Governo Federal com sua captura e prisão. Neste episódio, ele ficou preso durante cerca de dois meses e, como era de praxe, acreditamos que possa ter sofrido tortura. Foi capturado no Rio de Janeiro, saindo de um ensaio, por um carro comum e homens à paisana e, depois foi solto em Brasília, com seus documentos e uma quantia de dinheiro contada para ele conseguir chegar de volta ao Rio de Janeiro.

A revelação me deixou profundamente intrigada, principalmente por desconhecer um dado de tamanha relevância, que não teve nenhuma repercussão à época, no movimento local de luta pela anistia. E também por não saber que o nome dele constasse da lista dos desaparecidos políticos aqui no estado. [...] “um silêncio ensurdecedor” contido nas informações sobre a sua biografia, que não permite esclarecer as causas de sua morte e instiga a continuidade da investigação, para que se restabeleça a verdade sobre a memória desse grande talento pernambucano. (BANDEIRA, 2016, s/p)

Podemos também refletir um pouco sobre os sentidos da democracia, inclusive, trazendo questionamentos sobre a morte de Airton Barbosa. Sabe-se que ele faleceu acometido pelo câncer, porém, algumas versões que ouvimos a respeito de sua vida relatam que os traumas decorrentes de sua prisão podem ter sido bastante impactantes em vários sentidos,

influenciando, inclusive, seu adoecimento. Alguns relatos tratam do seu diagnóstico como tendo sido resultado de uma tristeza profunda tanto por conta da prisão em si, e a possível e provável tortura, quanto pelo fato de que ele soube ter sido denunciado por um colega de trabalho da orquestra.

Das muitas razões para democratizar a sociedade e assegurar direitos ao indivíduo, a mais importante é permitir a cada pessoa engrandecer-se, quebrando a múmia que se vai encobrando e matando. As ilusões políticas que mais temos a temer são aquelas que tomam certas instituições como a forma definitiva da liberdade e param no meio da luta contra a mumificação. (UNGER, 2001, p. 94)

Em relação ao seu trabalho como fagotista, além de *Preciso me encontrar* que mencionamos no início deste texto, queremos destacar o álbum *Afrosambas* de Baden Powell e Vinícius de Moraes, bem como a maior parte das obras dos primórdios do Quinteto Villa-Lobos que se inserem na música popular, incluindo canções inspiradas em religiões de matriz africana e o choro, além de peças folclóricas. É louvável que o Quinteto Villa Lobos, sendo formado e estruturado com características específicas de um conjunto de câmara voltado para a divulgação de repertório brasileiro, e um trabalho reconhecido nacional e internacionalmente desde cedo, seja um grupo que resistiu e existe até os dias atuais. Entretanto, isso não necessariamente contribui para que Airton Barbosa seja lembrado, mas definitivamente é um meio pelo qual seu trabalho permanece vivo.

Percebemos claramente, contudo, que sua memória passa pelo filtro do epistemicídio. Enquanto se compõe, aos poucos, algo que se possa chamar de uma tradição ou de uma escola para o fagote brasileiro, é estranho que Airton Barbosa não seja citado como uma forte referência.

O epistemicídio se constituiu e se constitui num dos instrumentos mais eficazes e duradouros da dominação étnica/racial, pela negação que empreende da legitimidade das formas de conhecimento, do conhecimento produzido pelos grupos dominados e, conseqüentemente, de seus membros enquanto sujeitos de conhecimento. (CARNEIRO, 2005, p. 96)

É justamente para confrontar esse mecanismo e as outras características do racismo apontadas aqui que trabalhamos na divulgação da vida e do trabalho desse importante fagotista brasileiro.

Desta forma, apresentamos um resumo da biografia de Airton Barbosa para demonstrar que encontramos em sua História de vida importantes feitos para a História da Música seja

como fagotista, arranjador ou compositor; liderando o Quinteto Villa-Lobos, pesquisando e escrevendo sobre música e, atuando como ativista na causa dos músicos.

Para compreender as razões que conduzem ao seu esquecimento, inclusive entre os fagotistas, fato que nos chama a atenção, encontramos na conceitualização do racismo estrutural e do epistemicídio explicações que nos fazem perceber as proporções das consequências da negritude. E concluímos que trazendo suas memórias à tona podemos contribuir no enfrentamento desses processos para combater o racismo, além de demonstrar o valor de seus trabalhos e possibilitar um acesso mais completo à História do fagote no Brasil.

Livros

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Cia das Letras, 2019

UNGER, Roberto Mangabeira. *A segunda via*. São Paulo: Boitempo, 2001

Trabalhos acadêmicos

CARNEIRO, Sueli Aparecida. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 339 f. Doutorado em Filosofia da Educação. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

Artigos em periódico

BANDEIRA, Carmen Lucia. Esse esquecimento faz parte desse país. *Revista Continente*, Recife, edição 182, fevereiro de 2016. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/182/-esse-esquecimento-faz-parte-deste-pais-> Acesso em: 05 agosto 2021.

Entrevistas fornecidas à autora do trabalho e não disponíveis online

BARBOSA, Juliano. Entrevista a Emanuela Helena. Rio de Janeiro, março de 2022. Áudio. 183 minutos. Não Publicada.

BARBOSA, Valdinha. Entrevista a Emanuela Helena. Rio de Janeiro, março de 2022. Áudio. 97 minutos. Não publicada.

FAGERLANDE, Aloysio. Entrevista a Emanuela Helena. Online, Rio de Janeiro e São Paulo, 6 de junho de 2022. Vídeo. 48 minutos. Não publicada.

RAPOPORT, Ricardo. Entrevista a Emanuela Helena. Online. Rennes, França e São Paulo, 8 de agosto de 2022. Vídeo. 97 minutos. Não Publicada.

WOLTZENLOGEL, Celso. Entrevista a Emanuela Helena. Online, Rio de Janeiro e São Paulo, 22 de agosto de 2022. Vídeo. 45 minutos. Não Publicada.